

Silva, ACSD (2009). TITLE?. Mesa redonda: Edições e reedições do centenário. Machado de Assis em Linha 2(4) December. <http://machadodeassis.net/revista/numero04.asp>

TITLE

Ana Claudia Suriani Da Silva, University of Surrey.

O texto que eu vou apresentar aqui é uma pequena resenha que preparei sobre a nova edição da *Obra Completa* da Nova Aguilar. Eu preparei esta resenha tanto enquanto leitora do Machado como enquanto professora de Literatura Brasileira, no Brasil e no exterior, e especialista na sua obra. Então eu vou investigar se a nova edição cumpre o papel prometido e realmente atende às necessidades do público que almeja atingir. Eu vou ler.

No centenário da morte de Machado, foi publicado um número grande de reedições, novas edições de sua obra, atendendo a todos os tipos de leitores: do acadêmico especialista ao aluno do colegial e cursinho. Elas se diferenciam entre si, não só pela ilustração da capa, tamanho da letra e cuidado com o texto, mas também pela densidade ensaística da introdução, pelo número de notas e pelo preço, o que é muito importante.

Entre esses inúmeros lançamentos, destaca-se a nova edição da Nova Aguilar, pelo preço um tanto quanto "salgado", pelo tamanho, pelo desafio e dificuldade da tarefa e também, para os que conheciam a edição anterior, por ter ganhado mais um volume. A única edição que se denomina "obra completa" do maior escritor da Literatura Brasileira, disponível hoje no mercado, possui agora quatro e não mais três volumes. O número de volumes aumentou porque, de 1959, quando foi publicada a primeira edição da anterior, a 2008, o *corpus* machadiano cresceu bastante, graças ao trabalho de arquivo de algumas gerações de especialistas. À nova edição, foram incorporados 75 poemas, como os editores esclarecem na introdução; oito peças de teatro; 67 contos; três séries inteiras de crônicas. A seção "Miscelânea" reuniu, por exemplo, os textos publicados nas seções "Crítica" e "Miscelânea" da edição de 1959, incorporando 11 escritos, como as curtas séries "As ideias vagas" e "Os cegos". Outra novidade e melhoramento, além da bibliografia atualizada e dos índices de mais fácil consulta, é a introdução da seção "Fortuna Crítica", que reúne estudos clássicos ou alguns fragmentos de estudos clássicos sobre a obra do escritor, publicados entre 1881 e 1990. Estes substituem a "Introdução Geral" de Afrânio Coutinho e os estudos críticos específicos, que introduziam

cada seção dos três volumes, sobre o romance, sobre o conto, sobre a poesia machadiana.

Apesar de se denominar *Obra Completa*, muita coisa ainda ficou de fora, como os próprios editores esclarecem, sobretudo entre a correspondência e a crítica. Não é meu objetivo aqui fazer um levantamento desse material que ficou de fora, que felizmente tem sido reeditado graças à iniciativa de outras editoras e à pesquisa de especialistas, alguns deles aqui presentes.

A existência desses projetos acadêmicos e editoriais que revisam alguns campos da produção machadiana, como o teatro e a crônica, não é ignorada pelo público desta palestra. No entanto, eles talvez não cheguem ao conhecimento do grande público, aquele que a nova edição da Nova Aguilar almeja atingir, como fica escrito no primeiro parágrafo da nota editorial:

Antes de apresentar os critérios usados no tratamento editorial dos textos aqui reunidos, é fundamental deixar claro que essa nova edição da *Obra Completa* é destinada ao grande público e, portanto, nunca pretendeu ter o caráter de edição crítica. Ela foi ampliada com grande quantidade de material em todas as seções e modernizada sem nenhuma distorção do escrito machadiano.

Como "fã de carteirinha" de paratextos, eu não poderia deixar de analisar esse trecho com cuidado e por partes. Em primeiro lugar, a questão do público que a edição quer alcançar. É muito provável que o preço de capa, ao qual se junta a boa ou má distribuição de um livro, tenham mais peso no seu potencial de venda do que o número de notas, qualidade da introdução, fidelidade do texto, presença ou não de um aparato crítico. Por causa do preço, mesmo sendo bem distribuída, eu duvido que a nova edição da Nova Aguilar, que é do grupo da Nova Fronteira, alcance o grande público, porque custa R\$ 650,00, ou R\$ 513,00 no *site* da Livraria da Travessa.

Pelo teor da abertura da nota, suspeito que os próprios organizadores temam que, no final das contas, além das bibliotecas, que é o grande mercado para essas edições, apenas um círculo um pouco maior do que o acadêmico compre a nova edição.

Em segundo lugar, voltando à citação, a nota afirma que não se trata de uma edição crítica, o que é uma escolha editorial justificável. Não posso, no entanto, desperdiçar esta oportunidade para lamentar o fato de que não há nenhuma edição crítica da obra, não diria completa, pelo menos a completa conhecida e indiscutível do Machado, como já existem, por exemplo, de autores tão importantes como Machado, caso de Honoré de

Balzac, por exemplo, que é publicado pela Pléiade. Gostaria de comparar um pouco a edição da Nova Aguilar com a da Pléiade. Se, no que diz respeito à capa, ao papel bíblia, tamanho da fonte, os 12 volumes da edição de Balzac da Pléiade e os quatro de Machado da Nova Aguilar têm muito em comum, no que diz respeito ao tratamento do texto e ao aparato crítico, eles não têm muita coisa em comum. Decisões editoriais diferentes geram edições diferentes e produzem efeitos no texto que o leitor terá em mãos. O que torna a edição da Nova Aguilar comparativamente enxuta, apesar de ter ganhado mais um volume, não é o fato de não possuir uma quantidade exorbitante de notas de rodapé. As edições da Biblioteca Pléiade também não têm. O que encurta a edição do escritor brasileiro é a ausência dos aparatos críticos das notas e variantes finais, e de uma curta história de publicação de cada obra.

Na edição de Balzac, notas e variantes são, sabiamente, jogadas para o final, para dar maior relevância ao texto literário estabelecido e, ao mesmo tempo, para agradar a gregos e troianos. Elas não encham a paciência do leitor que não gosta de ser interrompido a cada dezena de palavras por aqueles algarismos romanos ou ordinais minúsculos que remetem ao rodapé, às vezes mais longo do que o texto em si. Porém, podem ser consultadas pelo leitor que quer ir mais longe, além de atender a um exigente pesquisador. Esses três grupos de leitores podem ter certeza de que vão ler edições cuidadosamente preparadas com uma quantidade muito pequena de gralhas. Isso, certamente, alavanca as vendas da Pléiade, porque os livros atendem a todos os públicos. Eu não sei quantos exemplares das edições e reedições da *Obra Completa* da Nova Aguilar foram vendidos até hoje, mas, só para efeito de ilustração, informo que o número de exemplares vendidos de algumas obras, as mais bem sucedidas da Biblioteca Pléiade, são os seguintes, segundo o próprio *site* da editora: Exupéry vendeu 340 mil exemplares em um ano; Proust, 250 mil; Camus, 218 mil; Moreau, 160 mil; Pascal, 135 mil.

Obtive, no mesmo *site*, a informação de que a Pléiade possui 464 títulos no seu catálogo, lança 11 novos por ano, e de que o preço médio, por volume, é de 53 euros. Não podemos nos esquecer de que estamos no Brasil e não na Europa, mas os estudantes de Letras não merecem continuar a ler Machado em edições pouco confiáveis.

Na Inglaterra, por exemplo, há uma coleção da Norton de edições críticas que atende, sobretudo, o público universitário. Um livro, como *Lord Jim*, de Joseph Conrad, comparável na sua história de publicação a *Quincas Borba*, possui o seguinte índice (é uma edição de capa mole, brochura):

- The Text of *Lord Jim*
- Textual History
- Textual Notes
- A *Lord Jim* Gazetteer and Glossary of Eastern and Nautical Terms
- Backgrounds
- Editor's Note on the Composition of *Lord Jim*
- Alexandra Janta, [Tuan Jim: A Sketch]
- Correspondence Related to *Lord Jim*
- The Division, by Chapters, of the Monthly Installments of *Lord Jim*: A Sketch in *Blackwood's Edinburgh Magazine*
- Ernest Sullivan, The Several Endings of Joseph Conrad's *Lord Jim*
- Sources
- Norman Sherry, The Pilgrim-Ship Episode, The Bornean River and Its People
- Hans van Marle and Pierre Lefranc, Ashore and Afloat: New Perspectives on Topography and Geography in *Lord Jim*
- Dwight H. Purdy, The Chronology of *Lord Jim*
- Pierre Lefranc, Conradian Backgrounds and Contexts for *Lord Jim*
- Criticism
- Anonymous, New York Tribune, November 3, 1900

É uma brochura, que custa US\$ 18, um preço relativamente acessível. É claro que transformar a nova edição da Nova Aguilar em uma edição crítica não era o objetivo dos editores. Tal tarefa teria exigido que ela fosse totalmente reformulada. Não era isso que se esperava, não é? Fiéis aos seus princípios, os atuais preparadores preferiram manter as mesmas diretrizes da antiga, como se constata da leitura de "O texto da presente edição", de 1959, assinado por Galante de Sousa:

Não se trata, com o presente texto, de entregar ao público uma edição crítica, mas tão somente fiel à vontade definitiva do autor. Assim, tomou-se por base o texto da última edição feita em vida de Machado de Assis, e, como é de supor, sob as suas vistas. Isso, na verdade, não dispensou o cotejo com edições anteriores [...].

Introduzi aqui essa citação antes de discutir o último ponto da nota editorial de 2008 para mostrar que a Nova Aguilar não tinha nenhuma obrigação de produzir de uma hora para outra uma edição crítica.

Entrando agora no terceiro ponto, percebe-se que ambas as notas prometem edições fiéis à última vontade do escritor. Então, mais importante para nós é saber se estamos "comprando gato por lebre". Produzir um texto fiel é menos difícil quando se trata de romances e coletâneas de contos que foram publicados em um livro, sob as vistas de Machado. Porém, para essa outra parte da sua produção, aquela que não foi recolhida em vida e que cada vez ganha mais atenção dos críticos, isso é mais complicado: a última vontade do escritor, certamente indo, em alguns casos, contra a sua vontade de ressuscitar um escrito inferior, é, na falta de outra, o texto efêmero do jornal ou revista. Resolvi então conferir, em amostra mínima, se a nova edição da Nova Aguilar cumpre realmente o prometido. Seguindo a pista de um colega, fui direto à crítica teatral; escolhi, ao acaso, "Ideias sobre o teatro I, II e III", que eu só conhecia por intermédio da edição de 59. Não sei se tive sorte ou se toda a crítica teatral de Machado tem uma história de publicação tão interessante como a de "Ideias sobre o teatro".

Machado publicou "Ideias sobre o teatro I e II" em *O Espelho*, nessas duas datas, que vocês podem ler na projeção [o seguinte quadro é projetado para a plateia]:

- **"Ideias sobre o Teatro I"**

- 1.

NA-2008: Não há iniciativa, isto é, não há mão poderosa que abra uma direção aos espíritos; há terreno, não há semente; há rebanho, não há pastor; há planetas, mas não há outro sistema.

OE: ha centro de systema.

CT: ha outro systema.

NA-1959: há outro sistema.

2.

NA-2008: A arte para nós foi sempre órfã; adornou-se nos esforços, impossíveis quase, de alguns caracteres de ferro, mas, caminho certo, estrela ou alvo, nunca os teve.

OE: A arte entre nós
estrella em alvo

CT: A arte para nós
estrella ou alvo

NA-1959:
A arte para nós
estrêla ou alvo

3.

NA-2008 A iniciativa, pois, deve ter uma mira única: a educação. Demonstrar aos iniciados as verdades e as concepções da arte; e conduzir os espíritos flutuantes e contraídos da platéia à esfera dessas concepções e dessas verdades.

OE: ter em mira uma dupla educação

CT: ter uma mira unica: a educação

NA-1959 ter uma mira única: a educação

4:

NA-2008: Ora, não se pode moralizar fatos de pura abstração em proveito das sociedades; a arte não deve desvairar-se no doido infinito das concepções ideais, mas identificar-se com o fundo das massas; copiar, acompanhar o povo em seus diferentes movimentos, nos vários modos da sua atividade.

OE: em seus diferentes movimentos, nos vários modos e transformações da sua actividade.

CT: em seus diversos movimentos, nos vários modos da sua actividade.

NA-1959: em seus diversos movimentos, nos vários modos da sua atividade.

5:

NA-2008: Assinaladas e postas de parte certas crenças ainda cheias de fé, esse amor ainda santificado, o que resta?

OE: postas de parte estas crenças

CT: postas de parte certas crenças

NA-1959: postas de parte certas crenças

Depois, em 20 de dezembro, Machado também publicou a primeira parte de "Ideias sobre o teatro" que, na época da publicação, não recebeu o título de "Ideias sobre o teatro"; era intitulada "Conservatório Dramático" e terminava com um "continua". O jornal no entanto faliu, e a continuação só foi publicada depois que a *Marmota* republicou a primeira parte de "Conservatório Dramático", com algumas modificações. A continuação, ainda inédita, foi publicada em 16 de março de 1860, também na *Marmota*. Para ser fiel à última vontade do escritor, a Nova Aguilar teria então de

preparar o texto de "Ideias sobre o teatro I e II", a partir de *O Espelho*, e todo o texto de "Ideias sobre o teatro – O Conservatório Dramático", a partir de *A Marmota*. Eu comprovarei agora que isso não aconteceu. Por falta de tempo, eu só vou apresentar algumas variantes [volta ao quadro acima].

Bom, aqui, "Ideias sobre o teatro I": 1: NA é Nova Aguilar 2008; OE é *O Espelho*; CT é a Jackson, a *Crítica Teatral*; NA 1959 é da primeira edição da Nova Aguilar, 1959:

"A iniciativa, pois, deve ter uma mira única: a educação. Demonstrar aos iniciados as verdades e as concepções da arte; e conduzir os espíritos flutuantes e contraídos da platéia à esfera dessas concepções e dessas verdades", NA-2008;

"ter em mira uma dupla educação", OE;

"ter uma mira unica: a educação", CT;

"ter uma mira única: a educação", NA 1959.

Do próximo exemplo, eu só vou ler a diferença:

"Em seus diferentes movimentos, nos vários modos da sua atividade", em *O Espelho*;

"Em seus diferentes movimentos, nos vários modos de transformações da sua atividade", na *Crítica Teatral* da Jackson;

"Em seus diversos movimentos, nos vários modos da sua atividade".

Então, novamente, como a *Crítica Teatral* e não como o texto de *O Espelho*. Esses textos foram reunidos pela primeira vez em *Crítica Teatral*, em 1937.

Agora, para respeitar a última vontade do escritor, a terceira parte de "Ideias sobre o teatro", que tinha sido publicada tanto n'*O Espelho* quanto n'*A Marmota*, teria de ser fiel ao texto de *A Marmota*. Há vários exemplos... Eu só trouxe alguns:

"A literatura dramática tem, como todo o povo constituído, um corpo policial, que lhe serve de censura e pena: é o Conservatório.", NA-2008;

"e pena; é o Conservatório", OE;

"e correctivo; é o Conservatório", AM.

Não estou levando em consideração a pontuação, se não a gente ficava aqui até amanhã!

"Com estes alvos um Conservatório Dramático é mais que útil, é necessário. A crítica oficial, tribunal sem apelação, garantido pelo governo, sustentado pela opinião pública, é a mais fecunda das críticas, quando pautada pela razão, e despida das estratégias surdas.", NA-2008;

"útil, e necessário", "apelação, garantido pelo governo, sustentado pela opinião", *OE*;

"útil, e necessário", "apelação, garantida pelo governo, sustentada pela opinião", *AM*.

Outro exemplo, em que deveria ter havido uma correção do editor:

"Dando à primeira pergunta uma negativa, vejamos onde existe essa causa. É evidente que na base, na constituição interna, na lei de organização. As atribuições do Conservatório limitam-se a apontar os pontos descarnados do corpo que a decência manda cobrir: nunca as ofensas feitas às leis do país, e à religião... do Estado; mais nada." NA-2008;

"cobrir: risca as", *OE*;

"cobrir: risca as", *AM*.

Deveria haver uma vírgula em vez do ponto, e repete "risca". Então, no texto do Machado, não havia "nunca", era "risca".

Outro exemplo:

"Na segunda hipótese há mister de conhecimentos mais amplos, e conhecimentos tais que possam legitimar uma magistratura intelectual. Na primeira, como disse, basta apenas meia dúzia de vestais e duas ou três daquelas fidalgas devotas do rei de Mafra. Estava preenchido o fim.", NA-2008;

"disse, bastam apenas", "ou tres daquellas fidalgas devotas do rei de Mafra. Estava", *OE*.

"disse, bastam apenas", "ou três devotas. Estava" *AM*.

N'A *Marmota*, realmente está "bastam", e ele cortou essa "devotas do rei de Mafra". Ele cortou e não foi feita nenhuma observação de que a edição usou o texto de *O Espelho*.

Essas variantes mostram que a edição da Nova Aguilar se baseou novamente na edição da Jackson, que, por sua vez, tomou como base o texto de *O Espelho*, no caso da primeira parte de "Conservatório Dramático", e não de *A Marmota*, além de introduzir alguns erros. Não há tempo de discuti-los aqui individualmente, mas a gente pôde observar que alguns alteram o sentido do texto. Esses erros encontrados vão contra o princípio estabelecido pelos seus preparadores de produzir uma edição fiel à última vontade do escritor. Talvez a amostra escolhida aqui seja a exceção que comprova a regra. Eu não fiz todo o trabalho de cotejo. Talvez tenha escolhido os textos que apresentam mais dificuldades para os editores, não é?

Machado de Assis não é menor autor do que Balzac e do que Joseph Conrad por ser brasileiro. Foi recentemente até incluído pelo Harold Bloom entre os cem maiores gênios de todos os tempos. A edição de Nova Aguilar segue sendo a única disponível no mercado que reúne a maior quantidade de textos de Machado e, por isso, continuará a servir como referência para os estudiosos da obra machadiana; mas se eles necessitarem ser criteriosos em suas citações, terão de se dar ao trabalho de percorrer o caminho que eu fiz para as obras que ainda não possuem edições críticas ou fidedignas. Era isso.